ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

O PERFIL FEMININO SOCIAL NA OBRA LUCÍOLA, DE JOSÉ DE ALENCAR

Tanília do Rosário Lima Moreira

5909

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda MT
RG Nº 5909
Data 26/01/00

Pontes e Lacerda – MT, novembro 1999.

O PERFIL FEMININO SOCIAL NA OBRA **LUCÍOLA**, DE JOSE DE ALENCAR

Tanília do Rosário Lima Moreira

Ensaio monográfico apresentado ao curso de graduação em Letras da UNEMAT, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas.

Pontes e Lacerda - MT, novembro de 1999.

“ Poucos aceitam o fato da própria vitória, a maioria desiste dos sonhos quando eles se tornam possíveis.”

Paulo Coelho

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Agradeço a meu professor de Literatura Brasileira e orientador deste trabalho José Pereira da Silva Neto, ao professor Romair Alves de Almeida e a todos meus amigos que de uma forma ou de outra contribuíram para que eu chegasse ao fim desta caminhada.

Meu muito obrigada!

A longa distância, a imensa saudade, as longas horas de estudo serviram de degraus para eu alcançar este objetivo tão sonhado que a você dedico.

Mãe!

SUMÁRIO

Apresentação

Análise do "corpus": - Lúcia/ sociedade.
- Conflito Psicológico da protagonista Lúcia.
- As personagens Lúcia e Maria da Glória.

Considerações Finais

Bibliografia

APRESENTAÇÃO

O estudo do *Perfil feminino social na obra Lucíola*[1], *de José de Alencar* apresenta-se dando destaque a certos elementos identificados na obra _ Lúcia/sociedade, conflito psicológico e a dualidade Lúcia e Maria da Glória.

Esse tema torna-se interessante por tratar da vida da mulher de uma determinada época e de uma sociedade, a qual está representada na obra em questão. Através deste estudo podemos contextualizar e verificar qual a participação feminina nos problemas políticos - sociais, quais seus interesses e aspirações, como a tratavam, enfim sua condição humana na sociedade.

Abordamos, o comportamento romântico da heroína que se redime através do amor e um lado da sociedade da época que muda de comportamento conforme as convenções sociais.

[1] ALENCAR, José de. *Lucíola*. Ática.23 ed. São Paulo. 1998. Todas as referências a esta obra pertencem a esta edição.

Concomitantemente com o movimento literário Romantismo nasceu o romance brasileiro, pelo menos antes desse estilo de época as manifestações em prosa eram quase inexistentes, no que se refere a romance. A primeira produção romântica consta de 1843, que é **O filho do pescador**, de Teixeira e Souza e no ano seguinte **A moreninha**, de Joaquim Manoel de Macedo. O romance romântico se ateve às nossas realidades, baseando-se apenas nas experiências de vida social do Brasil, estimulando o leitor às leituras e também levando esse a reconhecer-se nas páginas dos livros e dos folhetins. Assim, de acordo com o momento histórico foram surgindo o romance urbano, depois o indianista e mais tarde o regionalista.

Sugere-se que devido ao romance romântico ter surgido após a independência, tentou definir a nação brasileira, como um instrumento no processo de descoberta e de busca da identidade nacional. Fazia-se necessário definir a cultura do país, evidenciando a raça, a língua, os costumes, o passado histórico, as tradições e o próprio brasileiro. Contudo, procurando viabilizar esses anseios o romance assumiu o papel de instrumento fundamental dessa construção cultural.

Os escritores desse tipo de romance procuraram buscar as diversidades regionais do Brasil, onde o mesmo pesquisava e observava a realidade original. José de Alencar por exemplo, olhou com desprezo e irritação o progresso, o presente, a vida em sociedade.

Segundo Antônio Cândido José de Alencar produziu várias obras românticas, dentre elas o mito do "bom selvagem", que habitava nossas florestas e com sua pureza e bravura contribuiu para a formação mestiça de nossa raça brasileira. Alencar produziu também, o que ele mesmo denominou de "perfis femininos", obras

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

que denotam a vida urbana, em especial, a vida burguesa acostumada aos modismos europeus. No entanto além de Alencar criar seus personagens com perfil do homem brasileiro e os aspectos geográficos da nossa região, o mesmo também incorporou o perfil da mulher, principalmente nos seus romances urbanos, por exemplo, em *Lucíola*. Vejamos o que diz o primeiro capitulo da obra *Lucíola*:

> *Receei também que a palavra viva, rápida e impressionável não pudesse, como a pena calma e refletida, perscrutar os mistérios que desejava desvendar-lhe, sem romper alguns fios da tênue gaza com que a fina educação envolve certas idéias, como envolve a moda em rendas e tecidos diáfanos os mais sedutores encantos da mulher. Vê-se tudo; mas furta-se aos olhos a indecente nudez(...) Escrevi as páginas que lhe envio, às quais a senhora dará um titulo e o destino que merecerem. É um* ***perfil de mulher*** *apenas esboçado.*[2]

[2] Op. Cit. p. 13

Na sua obra *Lucíola* José de Alencar usa uma história de amor entre Lúcia e Paulo para criticar os problemas sociais, dando uma certa atenção a estes demonstrando sempre o poder do dinheiro e a troca de interesses, revelando assim a hipocrisia e a corrupção das classes, a qual preocupa-se apenas com a ostentação do luxo e a manutenção de seus privilégios. Um outro ponto marcante é a dualidade entre as duas personagem Maria da Glória e Lúcia que são a mesma mulher, na primeira a imagem da virgem e na outra a de prostituta "cortesã".

Nesse romance, Alencar retrata a sociedade carioca, seus costumes vividos na sociedade e principalmente os pontos negativos da vida burguesa. Como por exemplo, a prostituição e o dinheiro. Assim o nosso perfil feminino demostrado nessa obra, subjaz uma figura bem tratada, com vestes elegantes, com porte nobre. Também, de forma interessante, suas relações humanas estão centradas no orgulho, na vaidade, nas dúvidas de cada um, nos ciúmes, no amor correspondido ou não. O autor defende os direitos da mulher em relação ao amor, a liberdade e dignidade. Segundo Antônio Cândido, *Lucíola*, é um dos únicos livros, "...em que a mulher e o homem se defrontam num plano de igualdade, dotados de peso específico e capazes daquele amadurecimento interior inexistente nos outros bonecos e bonecas..." [3]

[3] CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Itatiaia. 7 ed. Belo Horizonte. 1993. p. 204.

Para Cândido, o autor mostra a todo momento o confronto da protagonista com o mundo em que vive, causando com isso o conflito psicológico de Lúcia com o seu ambiente. Esse conflito está presente na dualidade de personagens Lúcia e Maria da Gloria, onde de um lado está a vigorosa luxúria e do outro a pureza: "... a sua sensibilidade desenfreada nos aparece como técnica masoquista de reforço do sentimento de culpa, renovando incessantemente as oportunidades de autopunição."[4]

De acordo com a obra *Lucíola* o autor trata de um tema considerado imoral para uma sociedade que se preocupava em manter aparências, e mesmo assim tentou mostrar um lado da sociedade ainda não mostrado. Utilizando o modelo europeu, Alencar foi criando um cenário brasileiro onde as pessoas podiam dar-se de encontro com a realidade que viviam. No seguinte trecho podemos observar através das personagem Lúcia e Paulo às leituras que faziam parte da sociedade, que eram clássicos europeus:

> *O livro que ela trouxe era esse gracioso conto de Bernardim de Saint-Pierre, que todos lemos uma vez aos quinze anos...*
> *Escolhe outro livro para distraí-la; lia a Atala de Chateaubriand que ela ouvia com uma atenção religiosa..*[5]..

[4] Op. Cit. p. 207
[5] op. Cit. p. 96

Em *Lucíola* a questão da prostituição e do preconceito são marcantes e com isto o autor mostra uma sociedade machista que usa a mulher para satisfação pessoal, menosprezando sua condição humana. Ou seja, para o homem tudo é permitido, o que é para a mulher pecado mortal, para o homem torna-se uma diversão, uma experiência, uma necessidade, por exemplo:

> *Quando a mulher se desnuda para o prazer, os olhos do amante a vestem de um fluido que cega; quando a mulher se desnuda para a arte, a inspiração a transporta a mundos ideais, onde a matéria se depura ao hálito de Deus; quando porém a mulher se desnuda para cevar, mesmo com a vista, a concupiscência de muitos, há nisto uma profanação da beleza e da criatura humana, que não tem nome.*[6]

Um ponto marcante na obra onde pode-se observar certos preconceitos em relação a vida social de Lúcia, evidencia-se quando um amigo de Paulo aconselha-o que se afaste da mesma, porque ele está colocando em risco sua reputação. Vejamos:

---

[6] op. Cit. p. 43

... Queres te divertir: é justo, é mesmo necessário; porém não tomes Lúcia ao sério.(...)... Como não tem amor, e não pode ter, como a sua inclinação é apenas uma paixão de cabeça e uma exitação dos sentidos,(...) ao contrario sente um prazer novo, obrigando-o a sacrificar-lhe a honra, a dignidade, o sossego, bens que ela não possui...[7]

O autor nos mostra uma personagem de personalidade forte, que apesar dos preconceitos de seu tempo não era volúvel vivia a sua realidade e não se escondia por detrás de uma máscara de hipocrisia, transparecendo o que não era, como a maioria das pessoas da sociedade burguesa. Vejamos dois trechos onde a mesma demonstra menosprezo por esse tipo de pessoa, que vive uma coisa e transparece outra, sendo que é padronizado o modo de vida, com seus modos e regras, e na realidade os que obedecem são a minoria as crianças, as mulheres e os velhos:

..Não gosto de gente que se esconde, meu senhor. Vá olhar para o mar, ao lado de sua mulher; é mais inocente e mais poético. De amanhã em diante não nos conhecemos.(...)[8]

[7] Op. Cit. p. 54
[8] Op. Cit. p. 30

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

> *_ Aborreço o fingimento: não gosto de passar pelo que não sou. É tão ridícula essa comédia do amor, que representam os velhos e os meninos!*[9]

Observou-se também que talvez devido Lúcia não ter medo de viver, encarar a realidade, e não se esconder por detrás de mediocridade, há inveja por parte de certas pessoas que não tinham coragem de se expor como na verdade gostariam. Neste trecho podemos constatar uma certa revolta da personagem por não ter o direito de viver como quer, ou como a vida lhe oferece:

> *...Não sou senhora de viver a meu modo, desde que com isso não faço mal a ninguém? Se apareço, é um escândalo; se fico no meu canto, ainda se ocupam comigo.*[10]

Em *Lucíola*, Alencar mostra os costumes que marcaram a sociedade de seu tempo como o fato de uma jovem de família não se apresentar só em público, os encontros das altas classes no teatro, as "partidas" (reuniões dançantes, saraus), a devassidão de homens solteiros ou casados:

[9] Op. Cit. p. 40
[10] Op. Cit. p. 66

> *Assim me aconteceu. Reuniões, teatros, apresentações às notabilidades políticas, literárias e financeiras de um e outro sexo; passeios aos arrabaldes; visitas de cerimônias e jantares obrigados; tudo isto encheu o primeiro mês de minha estada no Rio de Janeiro.*[11]

Na sociedade da época a condição social da mulher brasileira era mínima, por exemplo esta passagem da obra onde Paulo olha Lúcia como uma moça recatada e de família, e só se dá conta de sua ignorância quando percebe que ela estava fazendo um passeio sozinha:

> *Compreendi e corei de minha simplicidade provinciana, que confundira a máscara hipócrita do vício com o modesto recato da inocência. Só então notei que aquela moça estava só, e que a ausência de um pai, de um marido, ou de um irmão, devia-me ter feito suspeitar a verdade.*[12]

[11] Op. Cit. p. 18
[12] Op. Cit. p. 15

Um outro costume social que o autor mostra também é a tradição religiosa, como a festa de Nossa Senhora da Glória com suas procissões e o povo agrupado em volta da igreja:

> *... a festa da Glória; uma das poucas festas populares da corte. Conforme o costume, a grande romaria desfilando pela Rua da Lapa e ao longo do cais, serpejava nas faldas do outeiro e apinhava-se em torno da poética ermida, cujo âmbito regurgitava com a multidão do povo.*[13]

Outro ponto marcante na obra *Luciola* demonstrado por Alencar é o conflito psicológico entre as duas personagem Maria da Glória e Lúcia. Onde o mesmo coloca em uma mesma mulher imagens da virgem e da prostituta, seres totalmente diferentes. Por exemplo, no seguinte trecho as pessoas não entendiam a personagem, porque em uns momentos ela era a luxúria, o prazer e em outras afastava-se de tudo e era o contrário do que de costume viam. E nota-se também um descontentamento em relação a mudança de Lúcia:

[13] Op. Cit. p. 14

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

...É uma mulher que só pode ser apreciada de copo na mão e charuto na boca, depois de ter no estômago dois litros de champanha pelo menos. Nessas ocasiões torna-se sublime! Fora disso é excêntrica, estonteada e insuportável. Ninguém a compreende.[14]

Somente Paulo consegui ver Lúcia de outra forma, diferente principalmente dos outros homens que a viam como uma cortesã. Para Paulo, Lúcia transparecia sua alma, ele via a sua pureza e sua intuição lhe mostrava a pessoa de "alma pura" que ele viu pela primeira vez ao chegar na cidade. Mesmo sabendo depois no dia da festa da Glória por seu amigo que era uma cortesã, para ele, Lúcia representava uma personalidade contraditória.

A expressão cândida do rosto e a graciosa modéstia do gesto, ainda mesmo quando os lábios dessa mulher revelavam a cortesã franca e impudente; o contraste inexplicável da palavra e da fisionomia, junto à vaga reminiscência do meu espírito, me preocupavam sem querer. Atribuo a isto ter eu apenas balbuciado algumas palavras durante a conversa, e haver cortejado

[14] Op. Cit. p. 53

respeitosamente a senhora, que apesar de tudo ainda me aparecia nesta mulher, mal a voz lhe expirava nos lábios, porque, então, o desdém que vertia de sua fase volúbil passava, e o semblante em repouso tomava uns ares de meiga distinção[15].

Em toda a obra presencia-se os conflitos psicológicos dos protagonistas Lúcia e Paulo, ela por não ter esperanças e por não ter o direito perante a sociedade de poder ser feliz com um homem que pudesse vir a amar um dia. Devido a sua profissão nenhum homem a queria como uma esposa, uma mãe de família, mesmo porque para as pessoas e principalmente para os homens ela não se pertencia, era um objeto público. Vejamos o que Lúcia diz a Paulo:

...uma mulher como eu não se pertence; é uma coisa pública, um carro da praça, que não pode recusar quem chega.(...) Esqueci, que, para ter o direito de vender o meu corpo, perdi a liberdade de dá-lo a quem me aprouver! O mundo é lógico! Aplaudia-me se eu reduzisse à miséria a família de algum libertino; era justo que pateasse se eu tivesse a loucura de arruinar-me,

[15] Op. Cit. p. 16

e por um homem pobre! Enquanto abrir a mão para receber o salário, contando os meus beijos pelo número das notas do banco, ou medindo o fogo das minhas carícias pelo peso do ouro; enquanto ostentar a impudência da cortesã e fizer timbre da minha infâmia, um homem honesto pode rolar-se nos meus braços sem que a mais leve nódoa manche a sua honra; mas se pedir-lhe que me aceite, se lhe suplicar a esmola e um pouco de afeição, oh! então o meu contato será como lepra para a sua dignidade e a sua reputação.[16]

O conflito de Paulo se faz por não assumir de início o seu amor por Lúcia devido ela ser uma prostituta. Os conflitos dele surgem mais pelo preconceito social em relação a sua amada do que pelo fato dela ser prostituta. Ao perceber as mudanças de Lúcia por amá-lo, onde a mesma consegui através do seu amor a sublimação de seus sentimentos, de início o mesmo não entende, mas depois entende e passa a enxergar só Maria da Glória, a pessoa de "alma pura" que vira pela primeira vez, assim Paulo abri mão do amor carnal por Lúcia e passa a ter o amor por inteiro de Maria, um amor espiritual. Vejamos o que lhe diz Lúcia:

[16] Op. Cit. p 67

Entre nós nada existe; tu me absorves em ti, somos um: em torno de nós só Deus que nos protege, que nos une, e envolve-nos com um único de seus olhares. Tu, Paulo, tu podes tocar a terra sem quebrar essa coesão de nossas almas; porque sou uma coisa tua, uma porção de teu ser; porque te pertenço e te sigo fatalmente; porque na terra, como no céu, longe ou perto, vivo de tua vida. Mas tua Maria, o reflexo de tua luz e a flor de tua seiva, se ela caísse no pó, desprenderia de ti para sempre...[17]

As personagens Lúcia/Maria da Glória: esta era uma menina de família que por necessidades das circunstâncias em que se encontrava sua família e por sua ingenuidade em relação ao sexo, deixa-se ser molestada. E quando seu pai descobre que Maria não era mais casta, o mesmo a coloca para fora de casa e, assim nasce a nova personagem Lúcia. Com isso, o autor uni duas mulheres, uma representando o corpo e outra a alma, havendo sempre uma separação para que não fosse percebidas na mesma pessoa. Sendo assim, a mulher pura e amada não se oferecia a luxúria, nem a paixão violenta e a prostituta não viveria sentimentos calmos e regeneradores. Vejamos:

[17] Op. Cit. p. 120

Aquele esquecimento profundo, aquela alheação absoluta do espírito, que eu sentira da primeira vez, continuou sempre. Era a tal ponto que depois não me lembrava de coisa alguma; fazia-se como que uma interrupção, um vácuo na minha vida... No momento em que uma palavra me chamava ao meu papel, insensivelmente, pela força do hábito, eu me esquivava, separava-me de mim mesma, e fugia deixando no meu lugar outra mulher, a cortesã sem pudor e sem consciência, que eu desprezava, como uma coisa sórdida e abjeta.[18]

Um outro ponto que também podemos notar a antítese usada pelo autor para salientar a oposição de idéias entre as duas personagens. São, os nomes Maria da Glória e Lúcia que sugere-nos idéias contrária: uma o bem e a outra o mal, sendo que a primeira tem nome da santa de devoção de toda a sociedade Nossa Senhora da Glória. A segunda, os próprios amigos a comparam com Lúcifer o mais belo dos anjos criados por Deus e que depois se revolta, passando a ser chefe dos demônios:

[18] Op. Cit. p. 111

_ Como trata-se de nomes, eu também proponho uma mudança, bocejou o Rochinha. Em lugar de Lúcia _ diga-se Lúcifer.[19]

Para Cândido, Alencar "... é a desarmonia, o contrate duma situação, duma pessoa ou dum sentimento normal, e tido por isso como bom, com uma situação pessoa ou sentimento discordante. Sob a forma mais elementar, é o choque do bem e do mal."[20]

A casta Maria da Glória toma o lugar da prostituta Lúcia no momento em que esta é redimida pelo amor de Paulo. A partir daí os desejos do corpo vão sendo vagarosamente substituídos por sentimentos nobres e superiores até alcançarem a sublimação total. Por exemplo:

... A cortesã que se despira friamente aos olhos de um desconhecido, em plena luz do dia ou na brilhante claridade de um salão, não se entrega mais senão coberta de seus ligeiros véus: não havia súplicas, nem rogos que os fizessem cair...[21]

---

[19] Op. Cit. p. 38
[20] Op. Cit. p. 208
[21] Op. Cit. p. 61

Ao descobrir seu amor por Paulo, a Lúcia sedutora abstêm-se e dá lugar a Maria da Glória, isto é aquela morre e esta renasce retomando sua autenticidade, ressurgindo assim, a pureza, a meiguice, que estavam adormecidas por uma imposição de recato. O seguinte trecho mostra através dos novos modos de Lúcia a pureza e a candura de Maria da Glória que está nascendo. Em uma das suas conversas com Paulo, Lúcia sente que seu amor é impossível devido aos preconceitos da vida que levava e senti-se suja, por isso procura mostrar a seu amado que pode se regenerar:

> *... Rica e inexaurível era a organização dessa moça, que depois de tão violento abalo parecia criar nova seiva e florescer com o primeiro raio de felicidade!...(...)Ela me dizia no seu traje, o que nunca se animaria a dizer-me em palavras, que estava tão pura como eu a tinha deixado, do contato de outro homem.*[22]

Ao amar Paulo Lúcia se desfaz do ressentimento que tinha contra os homens e contra o amor. Deste ela tinha medo, pois via o sofrimento mais uma vez em sua vida, já tinha passado pela decepção do pai que a abandonara e pela do Couto que roubou sua pureza, não aceitava a idéia de envolver-se emocionalmente. Vejamos o que ela

[22] Op. Cit. p. 80

diz dos homens: *Não conheço mais estúpido animal do que seja o bípede implume e social, que chamam homem civilizado.*[23]

Observou-se também que o autor desde o começo da obra quando narra a imagem que Lúcia transpareceu a Paulo ao vê-la pela primeira vez, que é a de uma menina pura e angelical, nos evidencia a heroína que se redimiria diante de si mesma:

> ... *Admirei-lhe do primeiro olhar um talhe esbelto e de suprema elegância. O vestido que o moldava era cinzento com orlas de veludo castanho e dava esquisito realce a um desses rostos suaves, puros e diáfanos, que parecem vão desfazer-se ao menor sopro, como os tênues vapores da alvorada. Ressumbrava na sua muda contemplação doce melancolia e não sei que laivos de tão ingênua castidade, que o meu olhar repousou calmo e sereno na mimosa aparição.*[24]

No discorrer da narrativa com sua evolução no enlace da trama que conta a vida das personagens Lúcia e Maria da Glória, os sentimentos oprimidos dessa e a volta desta são fundamentais para o desfecho das contradições da heroína. Para ela é uma espécie de máscara que esconde a pureza da outra e que só é liberada amparada

[23] Op. Cit. p. 75
[24] Op. Cit. p. 14

Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

no amor de Paulo. O verdadeiro amor de Lúcia faz com que a adolescente que fora abandonada pela família e molestada por um aproveitador, reconquiste sua integridade física e moral com a negação de seu próprio corpo. Ou seja, a protagonista busca suas origens para sua purificação, na simplicidade do seu passado e fora dos costumes da Corte. Para Lúcia vale o prazer e para Maria o amor espiritual. Por exemplo, diz Lúcia:

> *... Para que amar? O que há de real e de melhor na vida é o prazer, e esse dispensa o coração. O prazer que se dá e recebe é calmo e doce, sem inquietação e sem receios.(...) O amor!... O amor para uma mulher como eu seria a mais terrível punição que Deus poderia infligir-lhe!...*[25]

Contrapondo a Lúcia sedutora para Maria da Glória não importa o amor carnal e sim o espiritual:

> *_Se soubesse que gozo supremo é para mim beijar-te neste momento! Agora que o corpo já está morto e a carne álgida, não sente nem a dor nem o prazer, é a minha alma só que te beija,*

[25] Op. Cit. p. 82

que se une à tua e se desprende parcela por parcela para se embeber em teu seio.[26]

Ao separar as duas mulheres Lúcia e Maria da Glória, há uma desagregação de personalidades, sendo a primeira a nível de corpo e a segunda de alma. Por exemplo:

...Vendo esta água tão clara toldar-se de repente, pareceu-me que via minha alma; e acreditei que ela sofria, como eu quando os sentimentos perturbam a doce serenidade de minha vida. (...)

...Veja! a lama deste tanque é meu corpo: enquanto a deixam no fundo e em repouso, a água está pura e límpida![27]

Nesse trecho metaforicamente Lúcia explica a sua personalidade e a de Maria, sendo aquela a lama e esta a água pura e clara. A personalidade de Maria estava sufocada por Lúcia até que conheceu Paulo, antes de conhecê-lo esta assumia seu posto de cortesã sempre que era solicitada e fazia desaparecer a Maria.

[26] Op. Cit. p. 125
[27] Op. Cit. p. 104

Contudo, ao revelar sua história passada a Paulo, Lúcia se identifica como Maria da Glória, nascida aos 15 de agosto, pede-lhe que a chame por Maria. E assim, a cortesã ardente e cheia de sensualidade dá lugar a Maria meiga e pura.

> *Desde então quando eu pronunciava esse nome, sua alma tinha enlevos, e ela acompanhava o movimento de meus lábios estremecendo de gozo, como se todo o seu corpo sentisse uma doce carícia.*[28]

O amor verdadeiro de Lúcia, a volta ao passado através da simplicidade de vida que passa a ter ao mudar-se para uma casinha nos arredores da cidade, da total abstenção ao sexo e do amor espiritual, faz com que ela se purifique e também a sua redenção. Lúcia passa a se ver como Paulo a vira, pode compreender-se e reabilitar-se perante si mesma. Maria da Glória então sufocada por Lúcia aflora dando um fim a libidinagem. O amor de Paulo santifica-a:

> *_ Tu me purificaste ungindo-me com os teus lábios. Tu me santificaste com o teu primeiro olhar! Neste momento Deus sorriu e o consórcio de nossas almas se fez no seio do Criador. Fui tua esposa no céu! E contudo essa palavra divina do amor, minha boca não a devia*

[28] Op. Cit. p. 112

profanar, enquanto viva. Ela será meu último suspiro.[29]

O perfil feminino da obra aqui apresentado de modo algum limita o que José de Alencar chamou de "perfis femininos", o mesmo retratou bem em sua obra os direitos da mulher, o qual foi dimensionado a uma compreensão de sentimentos e do mundo que as personagens faziam parte.

[29] Op. Cit. p. 126

Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de todas as dificuldades, principalmente em relação ao fator tempo, acredito ter atingido o meu objetivo que era levantar aspectos dentro da obra *Lucíola*, para com isso obter um entendimento melhor do texto já que foi escrito em uma época tão polêmica em relação a vida social da mulher.

A forma mais simples e mais completa de participar de uma história é o de reter suas idéias e dar um sentido aos fatos narrados. Isto nos faz conhecedores de histórias passadas ou presentes em nossas vidas. Segundo Antônio Cândido "... a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre."[30]

Nos coloca René Wellek que " A origem social de um escritor desempenha apenas um mínimo papel nas questões levantadas pela sua condição, fidelidade e ideologia sociais; porque não há dúvida de que os escritores freqüentemente se colocaram ao serviço de classe diferente da sua.(...) O escritor foi também um cidadão; pronunciou-se, também ele, sobre questões de importância social e política; tomou parte nos sucessos de seu tempo."[31]

---

[30] CÂNDIDO, Antonio. A literatura e a vida social. In: Literatura e Sociedade. Nacional. 5 ed. São Paulo. 1976. p. 19

[31] WELLEK, René e WARREN, Austin. Literatura e sociedade. In: Teoria da Literatura. Publicações Europa - América. 3 ed. 1976. p. 117.

Observou-se que Alencar mesmo sabendo que sua obra seria criticada, seguiu o seu propósito que era o de atingir um público, que pudesse se enxergar nas páginas dos folhetins e àqueles que tinham uma visão imposta pela sociedade a que pertencia. Segundo Wellek, " o escritor não se limita a ser influenciado pela sociedade: o escritor influencia a sociedade. A Arte não só reproduz a Vida, como lhe dá forma."[32]

Na obra *Lucíola* nota-se que o autor procura narrar as relações sociais como realmente aconteciam, fez suas críticas mexendo com a sociedade burguesa, expondo aquele que era marginalizado e excluído. Mas como coloca René Wellek "as relações da literatura com a sociedade é, de longe, aquela que reside no estudo das obras literárias enquanto documentos sociais, presumindo-as retrato da realidade social."[33] Ou seja, as relações sociais dão base a literatura, mas não se pode pressupor como uma realidade literária, porque a literatura transcende as relações sociais.

Ao conhecer a sociedade da época o autor conhecia os preconceitos e por isso faz uma crítica aos livros considerados moralistas, que usavam as reticências para mascara a realidade e aguça a curiosidade. Vejamos um trecho onde Alencar refere-se a isso:

> *Sempre tive horror às reticências; nesta ocasião antes queria desistir do meu propósito, do que desdobrar aos seus olhos esse véu de pontinhos, manto espesso, que para os severos moralistas da época, aplaca todos os escrúpulos, e que em*

[32] Op. Cit. p. 123
[33] Op. Cit. p. 124

minha opinião tem o mesmo efeito da máscara, o de aguçar a curiosidade.(...) A minha história é imoral; portanto não admite reticências;...[34]

Após referir-se a esse trecho na obra, o autor fala de certos aspectos da prostituição com a seguinte frase:

é a brutalidade da jumenta ciosa que se precipita pelo campo, mordendo os cavalos para despertar-lhes o tardo apetite.[35]

Contudo, observou-se que esse romance de José de Alencar, não só nos narra uma história de amor, mas também uma literatura voltada as relações sociais da época. Cândido coloca que Alencar "...foi capaz de fazer literatura de boa qualidade tanto dentro do esquematismo psicológico quanto do senso da realidade humana. Por estender-se da poesia ao realismo quotidiano, e da visão heróica à observação da sociedade, a sua obra tem a amplitude que tem, fazendo dele o nosso pequeno Balzac."[36]

---

[34] Op. Cit. p. 39
[35] Op. Cit. p. 44
[36] idem. *Formação da Literatura Brasileira*. p. 209.

QUADRO TEÓRICO

Em contrapartida ao arcadismo que tinha como características o retorno às obras renascentistas imitando a Antigüidade clássica, predominando uma atitude racionalista, ligada à finalidade social, o romantismo surge com seu individualismo e subjetivismo, gosto pelo mistério, exotismo, imaginação, insatisfação com a realidade, sentimento religioso, culto à natureza nacionalista e com desejos de reforma redefinindo a poética e também o homem e a sociedade. Vejamos o que nos diz Antônio Cândido:

> *" O movimento arcádico significou, no Brasil, incorporação da atividade intelectual aos padrões europeus tradicionais, ou seja, a um sistema expressivo, segundo o qual se havia forjado a literatura Ocidental. Nesse processo verificamos o intuito de praticar a literatura, ao mesmo tempo, como atividade desinteressada e como instrumento, utilizando-a ao modo de um recurso de valorização do país _ quer no ato de fazer aqui o mesmo que se fazia na Europa culta, quer exprimindo a realidade local."*[1]

[1] CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Itatiaia. 7 ed. Belo Horizonte. 1993. p. 11.

Esse novo período pertence à segunda metade do século XVIII e perdura até o século XIX, entre os anos 1750 e 1860 na Europa. No Brasil o movimento romântico se faz presente desde 1833 mas firma-se nas décadas de 50 e 60, com desejos de exprimir as peculiaridades do país e aspectos individuais da vida afetiva, através do movimento literário reinante na Europa. Em 1836 o nosso primeiro autor romântico Domingos José Gonçalves de Magalhães, deu o primeiro passo decisivo a uma literatura nova para o Brasil com a publicação do livro Suspiros poéticos e saudades e também com sua participação na revista Niteroi a qual tornou-se uma porta-voz das idéias românticas com uma expressão nacional autêntica. Conseqüentemente surge como nosso primeiro grande poeta desse período, Gonçalves Dias, o qual estabelece regras que dão características ao romantismo brasileiro: melancolia, fusão do sentimento na paisagem e o indianismo como elemento da originalidade étnica brasileira.

> *" só se pode falar todavia de literatura nova, entre nós, a partir do momento em que se adquiriu consciência de transformação e claro intuito de promovê-la, praticando-a intencionalmente."*[2]

Na década de 50, de acordo com Antônio Cândido a segunda geração manifestou-se produzindo personalidade individual nacional, com as peculiaridades da estética romântica descrevendo costumes, paisagens, fatos, sentimentos carregados

[2] Op. Cit. p. 13

de sentido nacional, era liberta-se do jugo da literatura clássica, universal. E ninguém mais eloqüente que Álvares de Azevedo para demonstrar essas influências na poesia brasileira. Mas é em José de Alencar o maior prosador do romantismo brasileiro que se realiza a busca pelas origens brasileiras: o romance indianista, de estilo épico; o romance urbano, de problemas urbanos e sociais; e o romance regional, oferecendo em suas obras uma vasta interpretação ficcional da realidade brasileira.

Todavia o romantismo foi um movimento literário que expressou o desejo de liberdade de criação utilizando as peculiaridades do país, os problemas políticos e sociais, construindo assim, uma literatura voltada à pátria brasileira.

Devido ao romance romântico ter suas características e suas influências dentro de nossa cultura, "... com desejo de exprimir uma nova ordem de sentimentos, agora reputados de primeiro plano, como o orgulho patriótico, extensão do antigo nativismo; desejo de criar uma literatura independente; ... a noção já referida de atividade intelectual não mais apenas como prova de valor do brasileiro e esclarecimento mental do país, mas tarefa patriótica na construção nacional"[3], é que despertou-me o interesse por nossa literatura e justamente pelo romantismo, o qual o próprio nome já diz, um estilo voltado à singularidade do eu.

Tomaremos como ponto de referência para nosso trabalho o romance urbano de José de Alencar *Lucíola*, o mesmo trata do aspecto social e moral da segunda metade do século XIX. Nessa obra o autor mostra personagens voltados aos preconceitos sociais e também faz críticas ao comportamento da sociedade da época.

---

[3] Op. Cit. p. 12

Alencar faz um confronto entre o homem e a mulher onde os mesmos estão num mesmo plano de igualdade, com os mesmos direitos em relação a desejos, regras sociais, etc. Os seres têm capacidades de mudanças no seu comportamento interior, mudar de bom para pior ou de pior para melhor. Assim, teremos como tema: O perfil feminino social na obra *Lucíola*, no que tange à oposição Lúcia/Sociedade, ao conflito psicológico da protagonista Lúcia e ao confronto das personagens Lúcia e Maria da Gloria.

Na sociedade da época, a condição social da mulher brasileira era mínima, quase não existia, participava apenas dos saraus, bailes e valsas, sendo que as esposas eram escravas do lar, as mesmas não podiam sair à rua sem seus esposos, a não ser que estivessem acompanhadas por damas e escudeiros, caso contrário ficariam difamadas. As dificuldades da mulher em tomar suas próprias decisões e por não ter um respaldo moral e social, faz com que a mesma se torne submissa aos homens e também condenável todas as suas atitudes?

No texto trabalhado, se as imposições sociais fossem tanto para as mulheres como para os homens, os preconceitos sobre Lúcia certamente seriam menos opressores. Se tivessem levado em conta o sacrifício da honra de Lúcia à saúde do pai e à brutalidade fria do velho Couto, que foi o que a conduziu a tal situação, talvez a mesma não tivesse permanecido prostituta.

As dificuldades encontradas pela protagonista Lúcia em relação à sua vida amorosa, lhe causa problemas psicológicos e auto - punição, será que a mesma morre por não poder viver seu amor como realmente queria?

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Como nos diz Antônio Cândido, José de Alencar trata diretamente da questão do psicológico e do social. A questão social por sua vez, na obra *Lucíola,* o romancista preocupou-se em retratar uma sociedade em transformação, com vários padrões de comportamento, os quais variam de acordo com o status social e com os interesses dos indivíduos: "...há em Alencar um sociólogo implícito. Na maioria de seus livros, o movimento narrativo ganha forças graças aos problemas de desnivelamento nas posições sociais, que vão afetar a própria afetividade dos personagens."[4]

A questão do psicológico na obra estudada, o autor apresenta uma certa complexidade psicológica relacionada ao drama dos personagens que entram em conflitos em conseqüência dos problemas sociais. Para Cândido "... A capacidade de observação levou o romancista a discernir o conflito da condição econômica e social com a virtude, ou as leis da paixão; o seu idealismo artístico levou-o a atenuar o mais possível as conseqüências do conflito,..."[5]

Nos diz Cândido que " esta diferença de condições sociais é uma das molas da ficção de Alencar, correspondendo-lhe, no terreno psicológico, uma diferença de disposições e comportamentos, que é a essência do seu processo narrativo."[6]

Como o artista não existe sem o público Alencar soube conduzir sua obra de maneira a estimular a leitura, por isso deu bases ao romance nacional de forma bem peculiar destacando temas polêmicos para a época. Ao utilizar as questões sentimentais Alencar mostra as mazelas da sociedade presente.

---

[4] Op. Cit. p. 204
[5] Op. Cit. p. 206
[6] Idem

Segundo Antônio Cândido as várias designações do comportamento artístico "... exprimem as expectativas sociais, que tendem a cristalizar-se em rotina. A sociedade, com efeito, traça normas por vezes tirânicas para o amador de arte, e muito do que julgamos reação espontânea da nossa sensibilidade é, de fato, conformidade automática aos padrões."[7]

Todavia, o romance romântico brasileiro correspondeu a um público sedento por identificar a realidade ficcional com a sua própria.

[7] CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Nacional. 5 ed. São Paulo. 1976. P. 36.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, José de. *Lucíola.* Ática. 23 ed. São Paulo. 1998.

CÂNDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira.* Itatiaia. 7 ed. Belo Horizonte. 1993.

CÂNDIDO, Antônio. A literatura e a vida social. In: *Literatura e Sociedade.* Nacional. 5 ed. São Paulo. 1976.

TUFANO, Douglas, *Estudos de Literatura Brasileira.* Moderna. 4 ed. São Paulo. 1990.

WELLEK, René. Literatura e sociedade.In: Teoria da Literatura. Publicações Europa – América. 3 ed. 1976.